

Proselitismos, revivalismos e redes religiosas pós-coloniais

As últimas décadas têm sido profundamente marcadas na África subsariana pelo “retorno da religião” e pela renovação dos papéis da religião ou, dito de outra forma, pelo “alastramento das religiões”, nomeadamente das que se reivindicam de “religião do Livro”, a todos os interstícios das sociedades subsarianas e pelo papel que a “renovação religiosa” tem tido, por exemplo, tanto em termos de redefinições identitárias como de “facilitadora” da passagem para a “modernidade”. De facto, na África subsariana, como aliás em muitas outras partes do globo, os papéis desempenhados pelas religiões sofreram nas últimas décadas profundas mudanças. O sucesso das religiões, sobretudo o dos sectores ditos neopentecostais ou carismáticos do cristianismo e o dos ramos mais “islamitas” ou “arabófonos” do Islão, em muitas regiões da África subsariana, depende da “hábil dosagem” entre transmissão de ideias religiosas, promessas de “salvação” e resolução de “problemas terrenos”, isto é, ofertas de serviços e bens materiais dos seus adeptos.

Muito embora estas não sejam verdadeiramente novas – as “missões” cristãs e, ainda que de forma diferente das missões, o islão das confrarias fazem-nas desde o tempo colonial –, o seu aumento significativo em termos de quantidade e de variedade da oferta coincide com a implementação, na década de 1980, dos chamados Programas de Ajustamento Estrutural e corre em paralelo à galopante deliquescência do Estado e à crescente pauperização das populações na África subsariana.

As associações de cariz filantrópico na área da saúde ou da educação suportadas pelas diferentes instituições religiosas e as organizações não governamentais “confessionais” são, na África subsariana, uma realidade incontornável e, em conjunto com outras organizações “não confessionais”, substituem em múltiplas funções o Estado.

Por outro lado, nas últimas décadas, ao contrário do que se passa por exemplo em muitos países europeus onde a tradição de separação efectiva entre Estado e religião e entre público e privado tem já uma história,

nalguns deles de mais de cento e cinquenta anos, sendo a religião considerada um “assunto privado” e a prática religiosa tende progressivamente a confinar-se ao espaço dos templos, nesta zona do globo a visibilidade da religião tem aumentado fortemente.

“Novos” lugares da religião

Na África subsariana, “projectando-se” para fora dos locais de culto, insinuando-se nos meandros de todas as instâncias que compõem a sociedade e só sendo efectivamente considerada como assunto privado por grupos minoritários, a religião tende a constituir-se em simultâneo como matriz de interpretação e explicação da realidade, como criadora de sentido objectivo das práticas e, paradoxalmente, entidade exterior à própria realidade.

Especializada na regulação da forma de “acesso” ao “sobrenatural”, a religião, nestas sociedades onde se projecta “desenvolvementamente” para fora dos templos e não é considerada como um assunto meramente privado, é, por excelência, não só a instituição de controle da moral, como da produção dos códigos que servem em boa parte de referência aos que “organizam” (ou devem organizar) os próprios padrões de controle das outras instituições (família, política, economia, educação, etc.).

Na actualidade, as religiões na África subsariana, por exemplo no plano político, não só informam os imaginários políticos numa escala de abrangência maior do que no passado, como ainda contribuem de forma não negligenciável para a estruturação da sociedade civil e a formação do espaço público de discussão de ideias e de confronto de propostas de toda a ordem.

Primeiro, a passagem da situação colonial à independência e, posteriormente, a “multidão” de acontecimentos políticos, sociais e económicos que se foram sucedendo fizeram com que na generalidade dos países subsarianos a “religião” fosse ocupando paulatinamente, a par dos “espíritos”, espaços onde a sua presença era menos notória ou mesmo, em alguns deles, como é caso do “espaço público”, praticamente desconhecida.

O “retorno” da religião, porém, não pode ser explicado nem por um qualquer “essencialismo” que nos reenvie para a apregoada “natureza essencialmente religiosa” dos africanos, nem simplesmente pelo papel de refúgio que a religião desempenha nas situações de crise. Cobrindo especificidades que só podem ser descritas, interpretadas e compreendidas tendo em conta o conjunto de alterações políticas, económicas, culturais e sociais ocorridas no continente desde o início das independências e as relações diferenciadas que as várias religiões tecem com as culturas locais, o “retorno da religião”, sem deixar de ser uma “resposta” à crise, tem vindo a revelar-se também como a expressão de novos papéis desempenhados correntemente pelas religiões na África subsariana, caso, entre outros, dos de “descolonização mental”, de “encantamento”, de combate político, de produção de “visões do mundo” ou de produção identitária.

Religião, “visões do mundo”, produções identitárias

Em certa medida, “libertando-se” da tutela rígida e da “orientação funcional” impostas pelos poderes coloniais e da “indiferença” e, em alguns casos, mesmo hostilidade com que eram vistas por muitos dirigentes políticos dos primeiros anos das independências, as religiões na África subsariana de uma forma notória desde a década de 1980 não só estão presentes “por todo o lado” no quotidiano das populações, como ainda, num outro registo de constatação de evidências, concorrem, por vezes de forma extremamente violenta, para ganhar posições no “mercado” em que tanto o proselitismo muçulmano como o das diferentes igrejas cristãs transformaram o “renovado desejo de religião dos africanos”.

De facto, sucessivas mudanças políticas e muito em particular a quase generalizada situação de deliquescência do Estado na África subsariana vieram não só questionar os alinhamentos políticos tradicionais das religiões, como ainda, quase *per se*, proporcionar e impor novas formas e objectivos de proselitismo das diferentes religiões presentes no espaço dos Estados africanos.

Voltados em simultâneo para o “retorno” à

prática religiosa e para o recrutamento de novos crentes, nomeadamente nos sectores populacionais não seguidores das religiões ditas do Livro, várias tendências religiosas muçulmanas e diferentes igrejas cristãs disputam, naturalmente com possibilidades e sucessos diferentes segundo os países, o controle religioso, social, político e nalguns casos mesmo económico de crescentes sectores populacionais, tanto nas cidades como no mundo rural.

De facto, o ressurgimento da religiosidade na África subsariana, para além de ser acompanhado de proselitismo muito competitivo entre as várias religiões e, no interior destas, entre as várias tendências, foi acompanhado do aparecimento de formas de sociabilidade de conotação religiosa que se expressam, por exemplo, pela multiplicação em cascata, nos últimos trinta anos, de associações de natureza cultural, social, educativa ou económica criadas e estritamente controladas pelas diferentes religiões.

Por outro lado, o novo lugar dos diferentes países africanos no conjunto das nações fez com que não só frequentemente práticas e representações da realidade e do mundo conotadas com as religiões tradicionais ou com as igrejas cristãs africanas se tornassem na (quase) “face visível” da “autenticidade africana”, como ainda progressivamente as religiões se fossem assumindo como forma de “descolonização mental”, caso da mensagem religiosa de ruptura com o Ocidente dos grupos islamitas ou, como no caso da valorização do individualismo e da experiência pessoal na relação com a divindade propagado pela movida carismática católica e sobretudo pela neopentecostal protestante, como a “encarnação” dos valores da modernidade. Num outro plano de análise, a “religião” não só veio substituir, como suporte ao combate político, ideologias de cariz marxizante ou liberal, que durante as primeiras décadas das independências imperaram, confrontando-se, enquanto “visões do mundo” e do “lugar dos africanos nesse mundo”, como ainda se tornou, na África subsariana, num importante instrumento de produção identitária.

Todavia, muito embora no actual contexto subsariano as formas de sociabilidade

Eduardo Costa Dias

torquem a religião num incontornável instrumento de produção identitária, esta não se confina ao pretexto confessional. Muitas outras dimensões, incluindo a étnica, nela intervêm. A religião acrescenta-se a todas as outras dimensões ou, como dizem alguns autores, é para muitos fonte de “orgulho” e “complemento natural” a outras pertenças.

Religiões, proselitismos, revivalismos

É neste contexto de profundas mudanças no papel das religiões na África subsariana que, por exemplo, se explicam em boa parte situações tão diversas como os recorrentes confrontos entre o islão e o cristianismo na Nigéria, no Quênia, nos Camarões ou no Sul do Sudão, os papéis políticos privilegiados que algumas igrejas cristãs desempenham actualmente na Costa do Marfim, no Quênia, na Zâmbia ou no Benim, o fulgurante protagonismo em certos países de líderes religiosos muçulmanos de cariz reformista, o estatuto “chique e bom tom” que cerimónias de religiões tradicionais desfrutam no seio de muitos sectores das elites africanas, as generalizadas e recorrentes “contaminações” das religiões do Livro por práticas das religiões ditas tradicionais ou, na generalidade dos países subsarianos, a incontornável visibilidade das práticas religiosas, quaisquer que elas sejam.

Neste sentido, para além da visibilidade forte e “tangível” das religiões, o revivalismo religioso, tanto muçulmano como das igrejas cristãs, impregna fortemente a via social de boa parte das populações e, em alguns casos, desdobra-se de fervor “neófito” na “boca” de “renascidos para a religião”, incluindo dirigentes dos mais altos lugares hierárquicos do Estado (por exemplo, a neopentecostista Sara Gagbo e Janet Musevini, deputadas e mulheres, respectivamente, do presidente da Costa do Marfim e do Uganda, o ex-pastor pentecostista Goodluck Ebele Jonathan, actual vice-presidente da Nigéria ou Yaha Sanneh, actual presidente da Gâmbia e durante muito tempo empenhado protector de grupos da movida wahhabista na sub-região senegambiana).

O fenómeno dos *born again*, em África inicialmente confinado aos sectores protestantes interconectados com as igrejas

neopentecostais americanas, generalizou-se a quase todos os sectores cristãos e tem, na movida islamita, o seu correspondente: o fervor prosélito dos “missionários” (*da'iyba*) dos múltiplos movimentos de “retorno ao islão” (movimentos de *da'wa*) que se cruzam e “descruzam” desde há mais de três décadas nos países subsarianos com presença significativa de muçulmanos. No caso particular destes dois “fundamentalismos”, eles próprios atravessados por múltiplos movimentos contraditórios e com expressões diferentes nos vários países, o seu alargamento aos diferentes sectores populacionais, nomeadamente nas áreas urbanas, veio alterar muitos dos equilíbrios intra e interreligiões existentes nas primeiras décadas de independência e, mesmo, por exemplo, nuns casos estabelecer no interior dos países zonas de confronto permanente entre religiões e noutros “reservas de crescimento” exclusivas desta ou daquela religião do Livro.

Isto é, à crescente confessionalização do espaço público, acrescentaram-se, nestas últimas décadas, a multiplicação dos conflitos de cariz étnico e religioso e, como veremos, a redefinição generalizada dos alinhamentos internos e externos dos diferentes sectores das religiões do Livro

Religiões, redes, “alinhamentos” religiosos

Aliás, para vários autores, os conflitos religiosos na África subsariana relevam de algum modo da crescente transnacionalização das redes religiosas, sobretudo no que tem a ver com a relação entre as dinâmicas religiosas locais e as redes internacionais onde, de forma explícita, os sectores mais prosélitos do Cristianismo e do Islão se incluem. Na realidade, tanto num como noutro, as relações, nas últimas décadas, entre componentes africanas e componentes internacionais não só se têm intensificado, como ainda esse relacionamento em rede, apesar de algumas diferenças substantivas em termos de objectivos, entre redes cristãs e muçulmanas, tornou-se num dos mais importantes sustentáculos, no terreno, do proselitismo das religiões do Livro, como o demonstra, por exemplo, a grande depen-

dência de fundos e de meios carreados a partir do estrangeiro.

De facto, como o ocorrido no campo cristão na mesma época com a “entrada em força” do pentecostismo americano e as mudanças de estratégia da Igreja Católica e de várias igrejas protestantes em África, a presença de fundos e de organizações árabes de cariz religioso e caritativo é uma realidade incontornável desde finais dos anos 1970 e ganhou uma grande amplitude nas décadas seguintes.

Isto é, paralelamente às mudanças de estratégia observadas na Igreja Católica e em várias igrejas protestantes de que resultaram, entre outros aspectos, um empenhamento de longo termo no social e a “africanização acelerada” dos seus quadros, o levantamento dos obstáculos criados pelas potências coloniais a um maior envolvimento das organizações muçulmanas africanas com os países do Magrebe e do Médio Oriente tornado possível pela ascensão à independência dos países africanos, o choque petrolífero do início dos anos 1970, a guerra do Kippur (1973), a revolução islâmica iraniana (1979) e as sucessivas crises económicas no continente africano ligaram-se entre si para favorecer o reforço das relações entre a África subsariana islamizada e os países árabes, nomeadamente pela prestação quer de intensa “assistência técnica” em matéria religiosa, quer de apoios económicos e sociais importantes.

Desde então, fazendo de certa maneira contraponto ao aumento crescente de meios humanos e materiais colocados à disposição das diferentes igrejas cristãs, multiplicaram-se não só as doações árabes para a construção de mesquitas e para a criação e manutenção de escolas e institutos muçulmanos, o envio de conselheiros religiosos para os países subsarianos, as ofertas de bolsas para estudos religiosos e os subsídios para peregrinações a Meca, como também os investimentos e os projectos assistenciais financiados por fundos e organizações privadas e estatais árabes.

Com meios vultuosos ao seu dispor, os países árabes e do Médio Oriente em geral assumem-se, independentemente da diversidade de interesses e de posicionamentos religiosos entre eles, de forma directa como grandes apoiantes das comunidades muçulmanas afri-

canas e, de forma indirecta, como defensores destas contra o perigo ocidental e cristão.

Em larga medida, os fundos e os meios humanos carreados do estrangeiro para as organizações religiosas actuando na África subsariana, tornaram-se num preponderante sustentáculo do proselitismo e num importante suporte ao “revivalismo” cristão e muçulmano.

De facto, o sucesso das religiões em África, ao depender da “hábil dosagem” entre transmissão de ideias religiosas, promessas de “salvação” e ofertas de serviços e bens materiais, está de múltiplos pontos de vista dependente da capacidade de as instituições religiosas subsarianas se posicionarem adequadamente nas redes em que participam e de, por via do lugar que nelas ocupam, acederem aos recursos de que necessitam para as suas acções prosélicas.

Deste ponto de vista, em última análise, a par das condições internas, o “retorno” e a nova visibilidade da religiões do Livro têm muito a ver com os meios materiais e humanos postos à sua disposição e à “redefinição” do papel da África subsariana na “diplomacia” das organizações religiosas internacionais.

À entrada da década de 2010, as organizações religiosas cristãs e muçulmanas na África Subsarina, não só em termos de meios materiais e humanos globalmente se equivalem, como ainda se mostram igualmente bastante predispostas a desempenharem papéis ainda de maior relevo.

O “retorno” da religião na África subsariana não é pois nem uma idiossincrasia dos africanos, nem um simples fenómeno ditado por sucessivas conjunturas de crise económica, social e política: o “retorno” da religião inscreve-se na própria trajectória da África subsariana desde o início das descolonizações. ■

Referências

- DOZON, Jea-Pierre (2008) — *L'Afrique à Dieu et à Diable — États, ethnies et religions*. Paris: Ellipses.
- GIFFORD, Paul (1998) — *African Christianity, Its Public Role*. Londres: Hurst & Co.
- GOMEZ-PEREZ, Murriel (ed.) (2005) — *L'Islam Politique au Sud du Sahara — Identités, discours, enjeux*. Paris: Karthala.
- LEVITZION, Nehmia; POUWELS, Randle L. (eds) (2000) — *The History of Islam in Africa*. Athens: Ohio University Press.